

MEMÓRIA, DITADURA E CRÍTICA DA RAZÃO BIOGRÁFICA NO JORNALISMO¹

Memory, dictatorship and criticism of biographical reason in journalism

Memoria, dictadura y crítica de la razón biográfica en el periodismo

Cândida de Oliveira²
Jorge Kanehide Ijuim³

Resumo

Com base em estudos históricos, filosóficos, comunicacionais e da crítica literária, este artigo debate a natureza híbrida do gênero biográfico, certa relação entre realidade e ficcionalidade, e usos desses relatos no jornalismo. Analisa o livro-reportagem *Cova 312* (Arbex, 2015), que conta histórias de vida atravessadas pela ditadura militar brasileira, no qual nota um duplo exercício ético-político, de memória e crítica.

Palavras-chave: Jornalismo. Histórias de vida. Memória. Ditadura Militar. Daniela Arbex.

Abstract

Based on historical, philosophical, communicational, and literary criticism studies, this article discusses the hybrid nature of the biographical genre, certain relationship between reality and fiction, and the uses of these reports in journalism. It analyzes the book-report *Cova 312* (Arbex, 2015), about life stories crossed by the Brazilian military dictatorship, in which it notes a double ethical-political exercise, of memory and criticism.

Keywords: Journalism. Life stories. Memory. Military Dictatorship. Daniela Arbex.

Resumen

A partir de estudios históricos, filosóficos, comunicacionales y de crítica literaria, este artículo discute el carácter híbrido del género biográfico, cierta relación entre realidad y ficcionalidad, y los usos de estos relatos en el periodismo. Se analiza el libro-periodístico *Cova 312* (Arbex, 2015), que narra historias de vida atravesadas por la dictadura militar brasileña, en las que se advierte un doble ejercicio ético-político, de memoria y crítica.

Palabras-clave: Periodismo. Historias de vida. Memoria. Dictadura militar. Daniela Arbex.

¹ Uma versão inicial deste texto foi apresentada no 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), realizado de 3 a 6 de novembro de 2020.

² Doutora em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina; Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR, Brasil. candida.oliveira07@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-9057-8847>

³ Doutor em Ciências da Comunicação/Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da USP; Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. ijuimjor@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-4685-5915>

1. Introdução

A atividade de contar histórias de vida é tão antiga quanto a história humana, possuindo uma dimensão antropológica ligada à oralidade e à necessidade de narrar e transmitir experiências, como tão bem sinalizou W. Benjamin (2012) no clássico ensaio *O Narrador*. Talvez seja essa necessidade humana que faz do gênero biográfico um dos temas mais importantes e paradoxais de nossa época, pois apesar da crise da verdade, relato que postulam revelar o vivido – como biografias, documentários, memórias e grandes reportagens – continuam a atrair leitores, produtores e pesquisadores.

A diversidade da escrita da vida fomenta debates sobre as características do gênero. S. Vilas-Boas (2014, p. 20), um dos pioneiros no estudo do tema no campo comunicacional brasileiro, ressalta que “a narração biográfica promove um intercâmbio de saberes diversos”. Devido a esse aspecto, E. M. Souza (2011) afirma que as escritas da vida extrapolam exercícios literários, envolvendo procedimentos de natureza criativa e inventiva que justificam o fascínio pelo gênero. Para A. Hohlfeldt (2015), exercícios biográficos constituem um trabalho de arqueologia cultural: é preciso escavar e atribuir sentido aos fatos a partir dos materiais encontrados nessa escavação, com sensibilidade para escolher e valorizar detalhes.

Considerando diferentes perspectivas do gênero e possíveis interlocuções com o jornalismo, este artigo propõe um debate sobre a natureza híbrida do biográfico, de “una cierta indiscernibilidad de lo real y lo ficticio”, como afirma J. Rancière (2011, p. 268). Visa discutir também usos do relato (auto)biográfico no jornalismo, com foco em reportagens que contam histórias de vidas atravessadas pela ditadura militar brasileira (1964-1985). A intenção é refletir

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

sobre escolhas de jornalistas e procedimentos que usam na escrita da vida, bem como limites e potencialidades do gênero no campo jornalístico.⁴

Entende-se que a natureza híbrida do gênero tensiona o positivo operante ainda hoje no jornalismo, conforme expõe C. Medina (2008). Herdeiro da tradição científica inaugurada por R. Descartes e A. Comte, o jornalismo tradicional ainda aposta na objetividade da informação, na relação objetiva com o real, no tom afirmativo perante os fatos jornalísticos, na delimitação dos acontecimentos e na busca obsessiva pela precisão da linguagem e de dados. Essas e outras práticas e fórmulas jornalísticas engendram a epistemologia do positivismo e são afirmadas em manuais clássicos não raro norteadores da formação universitária e do fazer cotidiano do jornalista (MEDINA, 2008). Argumenta-se que o uso de recursos de ficcionalidade, inevitáveis ao gênero biográfico e constitutivos de muitos relatos que propõem contar histórias, potencializam a construção de sentido enriquecendo o próprio fazer jornalístico.

Considera-se que os relatos autobiográficos também subvertem as lógicas do jornalismo tradicional ao efetivar um trabalho de memória, pois não é possível construir uma biografia sem recorrer às lembranças – próprias ou de outrem –, o que impede a objetividade científicista, como enfatiza Vilas-Boas (2014), visto que é difícil determinar as fronteiras entre imaginação e memória. Além disso, a construção de narrativas autobiográficas e da memória possibilita que trajetórias de vida se tornem públicas, tradições e expressões culturais sejam recuperadas, reproduzidas e/ou legitimadas: “é a partir desses processos que se constroem (re)leituras do passado e do presente – de eventos e de identidades, seja para grupos sociais ou grandes

⁴ Ressalta-se que os termos “gênero (auto)biográfico”, “história(s) de vida”, “biografia” e assemelhados são empregados neste trabalho com o sentido de escrita da vida, narrativas do eu e do outro, que podem se apresentar em espaços, suportes e linguagens diversas.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

coletividades” (HERSHMANN; PEREIRA, 2009, p. 146). Outro aspecto posto em questão é o entendimento derivado da abordagem clássica do jornalismo, segundo o qual caberia ao repórter apenas relatar os fatos, atuando basicamente como observador dos acontecimentos, sem ocupar o lugar de protagonista das histórias que conta (OLIVEIRA, 2010).

Quanto ao tema da ditadura, é importante lembrar que desde aquele período jornalistas investigam e narram histórias marcadas pela violência de Estado, contribuindo à visibilidade de vidas que foram silenciadas pela história oficial. Buscando reconhecer a relação entre narrativas da memória e políticas de escrita em livros jornalísticos publicados no contexto da Comissão Nacional da Verdade, a pesquisa de C. Oliveira (2020) sinaliza algumas potencialidades e possibilidades estético-políticas presentes na tessitura da vida, subversoras das lógicas da representação clássica. A partir de determinados procedimentos, como o uso de documentos de arquivo e narrativas (auto)biográficas, por exemplo, anônimos são postos em cena de modo que suas vozes sejam ouvidas e seus lugares reconhecidos.

Este trabalho, um desdobramento da pesquisa acima mencionada, analisa os relatos (auto)biográficos no livro-reportagem *Cova 312: a longa jornada de uma repórter para descobrir o destino de um guerrilheiro, derrubar uma farsa e mudar um capítulo da história do Brasil*, de D. Arbex (2015)⁵. Além da investigação jornalística empreendida pela repórter, a obra conta histórias de vida atravessadas pela ditadura, tendo como fio condutor da narrativa a trajetória de Milton Soares de Castro e sua morte, ocorrida em uma das principais prisões políticas à época: a Penitenciária Regional de Juiz de Fora, em Minas Gerais, popularmente conhecida

⁵ Jornalista, escritora e documentarista, D. Arbex foi repórter especial do jornal *Tribuna de Minas*, em Juiz de Fora (MG), durante os 23 anos. Defensora da área de direitos humanos, é uma das jornalistas mais premiadas do Brasil. Escreveu também *Holocausto Brasileiro* (Geração Editorial, 2013), *Todo dia a mesma noite* (Intrínseca, 2017), *Os dois mundos de Isabel* (Intrínseca, 2020) e *Arrastados* (Intrínseca, 2022).

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

como Penitenciária de Linhares. Milton foi o único preso político morto nas dependências do presídio durante a ditadura. Militante no Movimento Nacional Revolucionário (MNR) e um dos poucos civis a participar da Guerrilha do Caparaó, foi preso junto com outros combatentes no início de abril de 1967 e levado ao presídio. Na manhã de 28 de abril, agentes o encontram morto na cela. Segundo o Exército, Milton teria cometido suicídio, mas o corpo nunca foi entregue à família, que passou 35 anos sem saber de seu paradeiro. Na investigação, D. Arbex descobre onde Milton fora enterrado – na Cova 312 – e confronta a versão da morte forjada pelos militares.

No debate sobre a natureza híbrida do gênero biográfico, o artigo dialoga com reflexões históricas, filosóficas, comunicacionais e da crítica literária, a partir de autores como F. Dosse (2015), J. Rancière (2011; 2009), S. Vilas-Boas (2014) e L. Arfuch (2010). Recorre ainda à noção de memória com base em W. Benjamin (2012) e inspira-se no método da igualdade, proposto por J. Rancière (2014), norteador pelo princípio da igualdade de saberes. Desse modo, não se estabelece hierarquias ou categorias nas leituras e conexões, valorizando-se a intuição do pesquisador na escolha dos textos postos em relação. A seguir, a discussão aborda as transformações do gênero e as características do (auto)biográfico em *Cova 312*. Depois, reflete sobre o trabalho de crítica da razão biográfica e de memória na referida reportagem.

2. O “espaço biográfico” e os relatos em Cova 312

O historiador F. Dosse (2015) explica que é hábito distinguir a biografia do relato de uma vida, pois o termo “biografia” surge apenas no fim do século XVII. Contudo, a prática existe há

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

milênios, tendo base nas noções gregas *bíos*, que significa vida, e *gráphein*, que designa a ação de gravar, desenhar, escrever ou descrever. Assim, o relato poderia indicar uma “vida” ou a “maneira de viver”. No campo da crítica literária, L. Arfuch (2010, p. 15) esclarece que biografias, autobiografias, confissões, memórias, diários, cartas e outros relatos semelhantes constituem um universo de gêneros discursivos clássicos historicamente consagrados, cujo objetivo é apreender “a qualidade evanescente da vida”. A ênfase na singularidade de uma experiência vivida, característica principal do gênero, é o que possibilitaria a esse tipo de escrita “iluminar instantes e totalidades” e atender a nossa “obsessão por deixar impressões, rastros, inscrições” – uma busca pela transcendência (ARFUCH, 2010, p. 15). F. Dosse (2015, p. 406) concorda que o biográfico exprime “uma nova preocupação pelo estudo da singularidade e uma atenção particular aos fenômenos emergentes” complexos, impossíveis de serem reduzidos a meros esquemas, assim como Vilas-Boas (2014) que entende a individualidade como algo aderente à biografia. Os autores reconhecem, entretanto, que o biógrafo também se revela ao longo do texto e é influenciado pela vida do biografado, sendo tocado por essa experiência, visto que a escrita da vida possui também uma natureza reflexiva, envolvendo interpretação, compreensão, empatia, imaginação e afetos. “A escrita biográfica também transporta a carga de seu autor, suas impressões pessoais, sua formação, sua história de vida, seus compromissos com a sociedade que o formou e consigo – o mesmo amplo conjunto de valores, aliás, que constituem o biografado” (VILAS-BOAS, 2014, p. 151).

Considerando a profusão e expansão das escritas da vida na cena midiática contemporânea e a mobilização do gênero em diversos campos do saber, L. Arfuch (2010, p. 22) propõe a noção de “espaço biográfico” para definir a confluência de “formas dissimilares”

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

do biográfico, “por si só significantes”, suscetíveis de uma “interdiscursividade sintomática”, tanto em termos de temporalização, quanto de busca por heranças e genealogias. Assim, no horizonte de inteligibilidade do espaço biográfico operariam tramas de intertextualidades, recorrências, heterogeneidade e hibridações, deslocamentos e migrações de um campo a outro, outras maneiras de narrar, multifacetadas, que não deixam de estar em diálogo com gêneros canônicos, resultando em uma simultaneidade de formas, linguagens e procedimentos diversos a constituir narrativas ao mesmo tempo divergentes e complementares (ARFUCH, 2010).

Nessa perspectiva é que se pode identificar usos do relato (auto)biográfico em *Cova 312*. Ao apresentar histórias de si e do outro por meio de registros múltiplos, de forma fragmentada e em linguagens diversas, o livro convoca a pensar sobre como se dá a escrita da vida no jornalismo. Os relatos autobiográficos, concentrados na primeira e terceira parte, descrevem cenas e situações vividas pela repórter e outros personagens, além de ações que sustentam a trama. Na parte central do livro, a linguagem jornalística torna-se preponderante; os fatos são narrados em terceira pessoa, revelando o narrador onisciente típico do relato jornalístico. A jornalista apresenta uma espécie de *making of* da reportagem, destacando as etapas e os procedimentos de apuração e de escrita, as dificuldades e frustrações, as tentativas de obstrução da investigação jornalística, mas também as descobertas e os encontros felizes que a possibilitam ir adiante, como quando descobriu e localizou a sepultura de Milton, no Cemitério Municipal de Juiz de Fora, em 2002.

Nota-se a vinculação entre autor e personagem pelo uso do nome próprio, o que indica uma identidade assumida no interior da narrativa, característica definidora do relato

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

autobiográfico segundo P. Lejeune (2008). Contudo, posteriormente, o autor reconhece que o narrador-personagem é sempre uma construção discursiva que inclui invenção, pois situada no enunciado. A subjetividade é múltipla, observa P. Lejeune (2015), de modo que o “eu” (je) do autobiográfico constitui-se sempre num jogo (jê) de pistas, entre deslizamentos ou sobreposições entre autor, narrador e personagem, borrando as fronteiras entre real e ficcional. Para Lejeune (2015), em última análise, o que define a autobiografia é um “pacto de verdade” entre autor e leitor, um contrato de leitura baseado no compromisso com a verdade.

Em *Cova 312*, há cenas claramente imaginativas, algumas delas construídas como fluxos de pensamento. A história também não segue uma ordem cronológica linear, sendo a representação do tempo uma das estratégias ficcionais mais comuns na contação de histórias, posto que o tempo narrado nunca é o tempo vivido (VILAS-BOAS, 2014). D. Arbex relata as experiências de dezenas de presos políticos que passaram por Linhares em tempos múltiplos, criando um clima de tensão ao descrever torturas sofridas por eles no cárcere. O presídio aparece como elemento central, dando certa “unidade narrativa” à história e, por isso, pode ser interpretado também como personagem.

Questões relacionadas às possibilidades da verdade e da distinção entre o ficcional e o verdadeiro também emergem nesse debate. De acordo com F. Dosse (2015, p. 12), a biografia engendra “um discurso da autenticidade” que remete à “intenção de verdade” por parte daquele que conta. Pensando a biografia no campo jornalístico, R. Bartz (2014) assinala que jornalistas biógrafos tendem a buscar legitimação articulando a discursos e saberes do jornalismo movidos pela vontade de dizer a verdade, ancorados principalmente no valor da informação. Entretanto, as intertextualidades postas em jogo e a tessitura fragmentária que R.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Barthes (1979) denominou como “biografemas”, isto é, os detalhes dispersos de uma vida que tocam a subjetividade do biógrafo e possibilitam o encontro com o biografado através da escrita, complexificam a estrutura dessas narrativas (BARTZ, 2014). S. Vilas-Boas (2014) é enfático ao escrever que a biografia não é a verdade única sobre uma pessoa, embora muitos jornalistas pareçam condicionados a uma certa convenção tácita ou presunção de que a verdade possa ser atingida em sua totalidade apenas com informações, de que a escrita da vida só pode ter validade se expressar *a* verdade, nada mais que a verdade, o que para denota uma limitação do gênero. O empenho com a fidedignidade dos fatos constituiu também o discurso de autoria no campo biográfico, como analisa K. Vieira (2018), que funciona como uma garantia da credibilidade e reconhecimento do trabalho do jornalista.

Na reportagem em análise, essa tensão do caráter ambíguo do biografar aparece quando a autora reforça a busca da verdade e em seguida evidencia a construção da história, como na passagem abaixo:

Quase cinquenta anos se passaram para que *a* verdade pudesse ser reconstituída no caso de Milton, um trabalho de pesquisa cercado de reviravoltas, como em 29 de maio de 2014. [...] quando, finalmente, entrei na Cela 30 de Linhares [...], descobri que *a última parte* da jornada *era apenas o começo* da história (ARBEX, 2015, p. 29, grifos nossos).

Pode-se argumentar que a verdade buscada na reportagem está associada ao compromisso com uma certa ideia de justiça, um engajamento ético-político com os direitos humanos expresso, por exemplo, nesta afirmação: “revolver o passado é vital para se fazer justiça e para consolidação do estado democrático de direito” (ARBEX, 2015, p. 341). Os relatos

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

autobiográficos em *Cova 312* parecem indicar também a intenção da autora de expor o trabalho da reportagem, uma forma de “ser transparente com o leitor”, como afirma D. Arbex (2018) em entrevista. Ela revela ainda algo que chama a atenção: os próprios companheiros de guerrilha de Milton estranharem a decisão da repórter de contar a história dele. “Por que do Milton? – questionaram – logo ele, que era *ninguém*, que era o único civil da guerrilha, todos os outros eram militares banidos das forças armadas, por que o Milton que era *ninguém*, que era *um pintor*, que era *um operário*?” (ARBEX, 2018, grifos nossos). Trata-se de uma questão sobre a racionalidade que opera nesses relatos e que justifica porque essa vida e não outra deve ser contada.

3. Memória e crítica da razão biográfica

Atento a ordem discursiva específica do biográfico, J. Rancière (2011) afirma que o gênero pertence a uma poética mais ampla, constituída a partir de dois grandes paradigmas antigos e seus princípios teórico-filosóficos que funcionam como condições mínimas para que a vida seja posta em discurso. O primeiro toma como base as formulações de Aristóteles, em *Poética*, sobre as distinções entre poesia e história e a superioridade concebida à primeira, visto que ela possibilitaria reconstruir uma vida selecionando e relacionando somente eventos suscetíveis de entrar em um esquema causal enquanto a escrita histórica necessitaria contar os fatos como sucederam. A poética aristotélica também fundamenta o “regime representativo”, identificado por Rancière (2009), uma ordem de visibilidade e inteligibilidade do mundo sensível que estabelece quem pode ou não ser representado. Nessa perspectiva, as pessoas dignas de

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

terem a vida escrita são as que se encontram no topo da hierarquia social, ou seja, os cidadãos “livres e ativos”, das ações “elevadas”, dos “grandes” feitos. O segundo paradigma remete às histórias narradas por Plutarco, em *Vidas Paralelas*, que define como dignas de serem escritas as vidas que servem de exemplo. O problema nessas histórias é que os ensinamentos existem antes e independentemente das vidas, segundo Rancière. Logo, não são as vidas que importam, e sim as lições que elas encarnam.

Com o “regime estético” (RANCIÈRE, 2009), porém, um novo horizonte de inteligibilidade e visibilidade surge e revoga a ordem representativa. O princípio da biografia muda para “hacer ver lo general en lo particular, el siglo en el instante, el mundo en una habitación” (RANCIÈRE, 2011, p. 260). A escrita da vida agora depende do “vivido” – categoria central para a biografia que passa a poder representar um modo de vida, a reconstituição de uma coletividade ou até mesmo de uma época. Mas para não naturalizar essa virada da forma biográfica, Rancière (2011, p. 263-264) entende que o gênero deve integrar “la crítica de la razón biográfica, en especial la crítica de esta categoría de lo vivido que es solidaria con los procedimientos de invención de los sujetos, de composición de las historias y de escritura de las escenas”. Um trabalho que, segundo o autor, deve basear-se no nó que liga a escrita da vida com uma certa ideia do “como” da vida, ou seja, o que justifica uma vida ser contada é como ela é vivida.

Um trabalho crítico propõe desatar esse nó – assumir que há uma distância entre os indivíduos e os fatos empíricos a partir dos quais se conta o vivido – ou ajustar o nó – trabalhar o encontro entre a vida e a escrita, assumindo que a escrita da vida se dá na indissolubilidade desse nó (RANCIÈRE, 2011). Nesses casos, a escrita possibilita o conhecimento histórico de uma vida. Mas, para autor, mesmo quando se acredita na possibilidade de mostrar o mundo de

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

um indivíduo qualquer a partir de dados brutos mínimos e registros factuais, a paisagem do vivido será construída com elementos do dispositivo biográfico, como o nome próprio. Como Lejeune (2015), Rancière (2011) observa uma borda dupla nessa operação, ou seja, a razão dos fatos associa-se à razão das ficções, pois só é possível relacionar o vivido por meio de estratégias que ficcionalizam o real. Encontrar o vivido envolve necessariamente operações que, em última instância, dão a dados e informações uma encarnação individual, um rosto, um corpo e uma história.

De um lado, ao contar os caminhos percorridos por D. Arbex para garimpar informações e documentos que pudessem revelar o segredo guardado pelos militares, o relato autobiográfico em *Cova 312* parece indicar um flerte com o paradigma biográfico à moda Plutarco. A ênfase na história da reportagem faz o trabalho jornalístico emergir como exemplo de atuação profissional, que pode ser tomada como ensinamento. O livro opera assim um discurso pedagógico, próprio do “regime ético” (RANCIÈRE, 2009), denotando uma ideia sobre o modo de ser, de dizer e fazer jornalismo, ligado a um *ethos* jornalístico ancorado em certos preceitos caros à profissão, como certo ideal de verdade, de justiça e do direito à informação. Nessa perspectiva, a poética autobiográfica de D. Arbex seria algo comum no uso do gênero por jornalistas condicionados a essas convenções, como afirma Vilas-Boas (2014). Mesmo assim, permanece a tensão entre uma ânsia de verdade e uma narração que necessariamente se realiza a partir de procedimentos considerados da ficção (DOSSE, 2015).

Por outro lado, é possível notar que há um trabalho crítico quando a autora conta como se deu a escolha e o ingresso na profissão, ao ser despertada “pela vontade de contar histórias de pessoas” (ARBEX, 2015, p. 89). Ou quando revela afetos e afetações, como ao ler uma

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

notícia sobre indenizações às vítimas da tortura praticadas pelos agentes da ditadura: “Fiquei hipnotizada por aquela notícia” (ARBEX, 2015, p. 90). Provocadora de subjetivações e afetos, a narrativa expressa emoções que a jornalista sentiu na apuração e na escrita da reportagem. Ao compartilhar as experiências da repórter e das situações limite vividas pelos personagens, a reportagem indica uma extraordinária sensibilidade da autora e a possibilidade de ressignificar existências e subjetividades em múltiplas direções. Nesse sentido, aproxima-se da reportagem-ensaio, como propõe Medina (2006, p. 59), “em que o signo da solidariedade se processa indiscutivelmente na relação sujeito-sujeito”, com uma adesão que corre pelos afetos, de modo que o relato transpira emoção, expressando histórias de vida através da poética dos sentidos.

Nota-se que o desejo da autora de desvendar e contar histórias como a de Milton se funda no encontro com as palavras, suas e de outros. O compromisso da jornalista com as dores desses outros vai se firmando, algo que expressa ao afirmar que “remexer o passado era como cutucar feridas que não havia cicatrizado” (ARBEX, 2015, p. 99). Desse modo, o relato autobiográfico se distingue da narrativa biográfica tradicional, pois revela “uma entrada na escrita”, como propõe Rancière (2011), constituindo a partir desses encontros um discurso que se supõe próprio. Tal escrita aproxima-se de outros escritos que revelam a vida marcada e historiada pela escrita, uma vida que se produz ao mesmo tempo que é escrita.

Como em *Cova 312*, nota-se um trabalho crítico em outros trabalhos da jornalista, que evidenciam violências e sujeitos anônimos renegados pela história oficial. A exemplo de experiências anteriores – como em *Holocausto brasileiro* (ARBEX, 2013) em que desvelou o sofrimento de milhares de pacientes internados à força, por décadas, sem diagnóstico de

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

doença mental, num hospício em Barbacena/MG –, em *Cova 312*, D. Arbex (2015) quis ouvir vozes do cárcere da ditadura, de pessoas comuns que lutaram na resistência, e expor casos de violações de direitos humanos.

Desse modo, a poética biográfica no livro dá visibilidade a vidas consideradas muitas vezes inferiores, de “ninguéns”, subvertendo a ordem representativa das vidas dignas de serem escritas. Ao fazer isso, constitui um trabalho de memória, opondo-se a discursos negacionistas, de nostalgia à ditadura, que se manifestam atualmente no país. Nesse sentido, propõe uma recordação das vidas dos “vencidos da história”, para retomar Benjamin (2012), tirando-os do terreno obscuro do esquecimento. Ao trazer à tona vestígios e “restos” em relatos autobiográficos que revelam experiências de sujeitos que foram silenciados pela ditadura, *Cova 312* possibilita que vidas sejam conhecidas e inscritas na história. Assim, escrever uma vida é também reconhecer sua dignidade e possibilitar sua existência histórica.

4. Ao final, algumas considerações

É comum pensar que o jornalista encontra um de seus maiores desafios na escrita de vidas pela hibridez constitutiva desses relatos. Como afirma C. Medina (2014, p. 43), “quando se constrói um personagem ou uma história de vida, as fronteiras do real e do imaginário se borram”. Parece haver certa dificuldade de reconhecer a ficcionalidade nas estratégias narrativas, algo inevitável em qualquer relato biográfico, visto que “não se pode restituir a riqueza e complexidade da vida real” (DOSSE, 2015, p. 55).

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Como visto neste trabalho, histórias de vida de vítimas da ditadura continuam sendo tema de interesse de jornalistas, apesar dos limites do gênero. Ao abordar a temática, as reportagens mostram que a escrita da vida se dá imbricada com a jornalística. *Cova 312* é exemplar nesse sentido. Articulando relatos (auto)biográficos, D. Arbex conta histórias de vida de pessoas até então invisibilizadas pela história oficial, realizando uma escrita de sua própria vida e que é também um ato de resistência. Seus esforços verbalizam um “não” às tentativas de esquecimento de um dos momentos mais cruéis da história recente do país. A posição ético-política assumida pela autora exalta o direito à vida, reforçando que essas histórias são dignas de serem contadas e que a construção dessa memória é um passo importante a compreensões mais amplas do passado doloroso, estimulando ainda debates sobre a necessidade de um Estado que assegure o direito à vida e à dignidade humana. Desse modo, independente da categoria editorial, o relato jornalístico mobiliza narrativas do *eu* e do *outro*, possibilita intercâmbios do vivido, aciona memórias, mostra e promove encontros entre a vida e a escrita.

Referências

- Arbex, D. (2013). *Holocausto brasileiro*. Genocídio: 60 mil mortos no maior hospício do Brasil. Geração Editorial.
- Arbex, D. (2015). *Cova 312*: a longa jornada de uma repórter para descobrir o destino de um guerrilheiro, derrubar uma farsa e mudar um capítulo da história do Brasil. Geração Editorial.
- Arbex, D. (2018). Entrevista presencial em 26 de março. Florianópolis.
- Arfuch, L. (2010). *O espaço biográfico*: dilemas da subjetividade contemporânea. Trad. P. Vidal. Rio de Janeiro. EdUERJ.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Aristóteles (1959). *Poética*. Trad. A. Carvalho. Difusão Européia do Livro.

Bartz, R. Biografias de vivos: reconfigurações narrativas da escrita biográfica. Soster, D. D. A., & Piccinin, F. (2019). *Narrativas midiáticas contemporâneas*: sujeitos, corpos e lugares. Santa Cruz do Sul. Catarse. 94-107.

Barthes, R. (1975). *Sade, Fourier, Loyola*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo. Martins Fontes.

Benjamin, W. (2012). *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. S. P. Ruanet. 8. ed. São Paulo. Brasiliense.

Dosse, F. (2015). *O desafio biográfico*: escrever uma vida. Trad. G. C. C. Souza. 2. ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo.

Herschmann, M., & Pereira, C. A. M. (2002). O boom da biografia e do biográfico na cultura contemporânea. Olinto, H. K.; Schøllhammer, K. E. *Literatura e Mídia*. Editora PUC-Rio; Loyola, 141-150.

Hohlfeldt, A. (2015) Exercícios biográficos: arqueologia cultural. Gutfreind, C. F. *Narrar o biográfico*: a comunicação e a diversidade da escrita. Porto Alegre. Sulina, 41-79.

Lejeune, P. (2008). *O pacto autobiográfico*: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte. Editora UFMG.

Lejeune, P. (2015). Um “jê” de pistas. Lejeune, P. *Écrire sa vie*: du pacte au patrimoine autobiographique. Paris. Mauconduit.

Medina, C. (2006). *O signo da relação*: comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo. Paulus.

Medina, C. (2008). *Ciência e jornalismo*: da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo. Summus Editorial.

Medina, C. (2014). *Atravessagem*: reflexos e reflexões na memória de repórter. São Paulo. Summus.

Oliveira, C. (2020) *Poéticas da memória para um jornalismo contemporâneo*: políticas da escrita em livros jornalísticos sobre a ditadura civil-militar brasileira.

Oliveira, M. (2020). *Metajornalismo*: quando o jornalismo é sujeito do próprio discurso. Coimbra. Grácio Editor.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Rancière, J. (2009). *A partilha do sensível: estética e política*. Trad. M. C. Netto. 2. ed. São Paulo. EXO experimental org. Editora 34.

Rancière, J. (2011) El historiador, la literatura y el género biográfico. Rancière, J. *Política de la literatura*. Trad. M. G. Burello; L. Vogelfang & J. L. Caputo. Buenos Aires. Libros del Zorzal.

Rancière, J. (2014). *El método de la igualdad*. Conversaciones con L. Jeanpierre & D. Zabunyan. 18 ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires.

Souza, E. M. (2011) *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte. Editora UFMG.

Vieira, K. M. (2018). Sujeitos do biográfico: jornalistas e a construção do status de autoria na produção da biografia como reportagem. *Revista Observatório*, 4(1), 418–436. <https://doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n1p418>

Vilas-Boas, S. (2014). *Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida*. 2. ed. São Paulo. Editora Unesp.